

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ATUAÇÃO DOS TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Gueidson Pessoa de Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, pessoamusical@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho se propõe a refletir a respeito do ensino de língua espanhola na interface com a Surdez, destacando os desafios e possibilidades de atuação dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), em sala de aula regular. Trata-se de um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso, vinculado ao Curso de Licenciatura em Espanhol, do IFRN, campus Natal Central. Tomamos como aportes teóricos os estudos de Souza (2010) e Lisboa (2009), que tratam a respeito da Língua Espanhola; as pesquisas de Perlin, Strobel (2008), no que se refere aos conceitos relacionados ao Surdo e ao Deficiente auditivo; os escritos de Gesser (2009) que explicam a respeito da língua brasileira de sinais (Libras); as concepções teóricas de Souza (2015) que estabelecem uma relação entre o Surdo e a Libras; bem como nas pesquisas de Lacerda (2003) que tratam sobre os tradutores Intérpretes de Língua de Sinais. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida nos moldes qualitativos, com caráter exploratório, materializada através da aplicação e análise de um questionário aplicado junto aos TILS atuantes no IFRN. Concluimos que é possível uma atuação de qualidade dos TILS em sala de aula regular, durante as aulas de língua espanhola, desde que seja construído um conhecimento prévio, proporcionando um processo formativo, de construção de conhecimento na língua, bem como, criado momentos de estudo e planejamento junto ao professor ministrante da disciplina.

Palavras-chave: Ensino de Língua Espanhola, Surdez, TILS.

1. INTRODUÇÃO

Discutir sobre o ensino do espanhol na rede regular, tomando como premissa uma vertente educacional inclusiva, traz à tona a discussão a respeito dos desafios que o Tradutor Interprete de língua de sinais enfrenta no trabalhar de uma L3 (terceira língua) ou L4 (quarta língua) junto ao aluno Surdo, considerando ser a língua de sinais a L1¹ desse aluno, e a língua oral do país sua L2.

De acordo com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), citado nos estudos de Souza (2015), faz-se necessário que se tenha um profissional mediador que se apresente como ponte comunicacional com o objetivo de desenvolver positivamente a aprendizagem do aluno com surdez.

¹ L1 = primeira língua; L2 = segunda língua; L3 = terceira língua; L4 = quarta língua.

Nesta perspectiva, temos por garantia uma lei que assegura a inclusão educacional deste aluno e conseqüentemente o direito de aprender também uma outra língua. Para que isso aconteça, são necessários profissionais qualificados que façam essa mediação entre o aluno com surdez e o acesso à esta L3.

Diante do contexto atual, sabe-se que uma das maiores dificuldades que se existe a respeito da aprendizagem de uma L3 por um aluno com surdez é a falta desses profissionais, de fato capacitados, que conheçam não só a língua estrangeira, mas também que ele tenha o conhecimento da Língua de Sinais, conforme assegura Souza (2015).

Sabemos que a maior parte das experiências de ensino entre surdos e ouvintes ocorre com o auxílio de intérpretes, e não podemos esquecer que é primordial o desenvolvimento da educação em Libras pelas pessoas ouvintes que estão envolvidas com a educação de surdos, sendo esta a única maneira de construir um ensino de sucesso entre alunos surdos e professores. (SOUZA, 2015, p. 14)

Estamos falando de uma aprendizagem de modalidades linguísticas diferentes, o que faz emergir a necessidade na formação do professor de língua espanhola em sua atuação na escola regular, para que, além do domínio da língua espanhola e portuguesa, construa conhecimentos sobre a língua de sinais, fator este que colabora positivamente em prol da aprendizagem e do pensar ações pedagógicas no ensino de espanhol em contexto inclusivo bilíngüe de sala de aula regular.

Por sua vez, os professores sem fundamentação teórica e prática, se sentem vulnerável quanto aos sistemas didáticos apropriados ao ensino e aprendizagem desses alunos. Diante desta realidade, é necessário que os professores que recebam alunos surdos aprendam a libras para garantir condições mínimas para o aprendizado, partindo da premissa básica, como que não há com ensinar sem que exista uma comunicação entre o aluno e o professor. (SOUZA, apud FERNANDES, 2015, p. 17)

Portanto, faz-se necessário (re)pensar ações de cunho pedagógico inclusivo nas mais diferentes áreas de conhecimento, dentre elas o ensino de espanhol.

Precisamos pensar em como desenvolver atividades que estimulem os alunos com e sem surdez, talvez seja o maior desafio dos professores das áreas de ELE. Para isso acreditamos que em que além de formações continuadas, agregar outros professores neste processo e partilhar experiências, trabalhar conjuntamente com os tradutores interpretes, e motivar toda a comunidade escolar no processo inclusivo, se apresentem como ações essenciais para o sucesso educacional inclusivo dos alunos, ouvintes e não ouvintes.

2. METODOLOGIA

Desenvolvemos uma metodologia pautada nos ditames da pesquisa qualitativa com base nos estudos de Gressler (2004), atribuindo-lhe um caráter exploratório, tomando por premissa as limitadas publicações sobre a temática abordada em nosso estudo.

Para Santos (2009), uma pesquisa de caráter exploratório objetiva “familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado”, construindo assim, um maior conhecimento a respeito do objeto a ser estudado, viabilizando a construção de hipóteses sobre o mesmo. (SANTOS, 2009, p.1).

A Pesquisa qualitativa é caracterizada pela construção de dados e análises dos mesmos, por meio de instrumentos (questionários, entrevistas, etc.) que viabilizem interpretações e reflexões sobre a temática em estudo a partir do dialogismo entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa. Gressler (2004) traz em seus estudos que:

A abordagem qualitativa, em princípio, difere da abordagem quantitativa, à medida que não emprega instrumentos estatísticos como base do processo de análise, [...] a preocupação de quem adota essa abordagem é com a descrição e apresentação da realidade tal como é em sua essência, sem o propósito de introduzir informações substanciais nela. Por meio dela, reúne-se informações sobre os fenômenos investigados com o uso de entrevistas abertas e não direcionadas, depoimentos, auto avaliação, análise de discurso, estudo de casos. (GRESSLER, 2004, p.43)

Como procedimento para as construções de dados, optamos pelo Questionário como instrumento metodológico a fim de identificarmos por meio dele os elementos necessários para esse estudo, além de, em função da amplitude de nossa pesquisa (todos os *campi* do IFRN) ser o instrumento que proporcione maior alcance em menor tempo, tendo a internet (e-mail institucional) como auxiliar nesse processo.

Tivemos neste estudo a colaboração dos profissionais tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, servidores efetivos do Instituto Federal de Educação, Ciências e tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), lotados em 18 *campi* do estado, durante a realização desta pesquisa no segundo semestre do ano de 2016

Iniciamos nossa pesquisa realizando um levantamento por meio do SUAP (Sistema Unificado de Administração Pública) para identificarmos os TILS e quais seus *campi* e e-mails a fim de encaminhá-los nosso instrumento de pesquisa para conhecimento e possível resposta.

Em parceria com nosso professor orientador, formulamos o questionário o qual, foi constituído por 11 questões, sendo parte dessas questões dissertativas e outra objetiva.

Utilizamos também como estratégia de conhecimento e sensibilização para participação em nossa pesquisa, o grupo do WhatsApp dos Núcleos de Apoio à Pessoa com Necessidades Específicas (NAPNE) do IFRN, grupo este onde todos os TILS participam ativamente. Contamos também com a colaboração da coordenação geral das NAPNE's do IFRN no que se refere ao reforço junto aos profissionais tradutores/intérpretes sobre a importância em contribuir com nosso estudo.

Dos 18 TILS lotados nos campi no período da nossa pesquisa 9 responderam e nos enviaram seus questionários, o que nos serviu de base para análise, reflexão e construção deste trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do retorno dos nossos colaboradores, podemos elencar as respostas e analisá-las sob uma óptica reflexiva. Tivemos como colaboradores, profissionais com tempo de atuação que variavam de 3 a 18 anos, com formação em nível superior concluída ou em andamento.

No tocante a atuação profissional desses colaboradores, o nível de formação acadêmico também se apresenta de maneira variada, abrangendo desde o ensino fundamental à pós-graduação tendo, alguns desses colaboradores, experiência no campo da tradução/interpretação em língua estrangeira.

Dentre os nossos colaboradores, apenas quatro não possuem experiência no campo da tradução e interpretação em língua estrangeira, e desses, apenas dois com língua espanhola.

Tal realidade se dá principalmente em detrimento a grande oferta do componente Língua Inglesa na educação básica, sendo a Língua Espanhola pouco ofertada pelos estabelecimentos de ensino, o que se tem intensificado com a homologação da não obrigatoriedade do ensino espanhol na educação básica pela lei 13.415/17.

Observamos, a partir das respostas dos nossos colaboradores, que atuar na condição de TILS junto às línguas estrangeiras não se configura como uma tarefa fácil, principalmente, ao que se refere à necessidade de se conhecer as línguas envolvidas, em sua gramática e vocabulário.

O conhecimento básico sobre a língua estrangeira a ser trabalhada, bem como o acesso prévio ao conteúdo ministrado se apresenta com elementos essenciais para uma boa atuação desses profissionais, tendo em vista que os professores, em suas aulas, utilizam a oralidade na

língua específica, mesmo que no caso dos alunos com surdez, estes não apresentem condições para a competência auditiva.

A partir das dificuldades apresentadas pelos nossos participantes, questionamos quanto as possibilidades de sanar ou minimizá-las, de maneira que a possibilidade mais citada faz menção a fluência na língua estrangeira a ser trabalhada por parte do intérprete. Dos nove, quatro responderam que a fluência é importante no processo de tradução interpretação em sala de aula, pois o TILS conseguirá compreender melhor o conteúdo abordado e, por conhecer a língua, terá condições de buscar maiores e melhores caminhos para viabilizar o acesso do aluno surdo ao conhecimento em questão. Mas de que forma viabilizar essa formação? Como possibilitar uma formação que proporcione ao TILS uma fluência na língua estrangeira? São questões importantes que se devem considerar para que estes profissionais tenham uma base concreta para a boa realização de sua atividade profissional.

Uma outra questão importante e mencionada pelos colaboradores foi quanto ao planejamento das aulas por parte dos professores junto aos intérpretes. Um trabalho colaborativo e dialógico que permita uma discussão previa entre TILS e professores de Língua Estrangeira sobre as aulas que virão a ser ministradas se configura com ação básica (e desafiadora) para uma harmônica atuação de ambos os profissionais.

Dois dos que responderam ao questionário relatam que será necessária a contratação de TILS específicos na língua estrangeira. Mas será que isso resolveria de fato a questão? Ou seria mais eficaz pensar a respeito de adaptações/adequações metodológicas no campo da língua estrangeira em contexto inclusivo?

Sabemos que o processo reflexivo ele deve ser contínuo durante a jornada de qualquer profissional. Repensar nossa prática, melhorar nossa atuação e mudar-nos sempre que preciso é um desafio e uma necessidade de que enquanto profissionais de determinada área, precisamos ser conscientes e abertos a tais possibilidades.

Ficou explícito também, em nossas análises, a necessidade de uma formação mais específica no campo da língua estrangeira para os tradutores intérpretes, bem como um aprimoramento dos seus conhecimentos no campo da língua de sinais.

Chama-nos atenção a fala do TILS X4 quando afirma que existem pouquíssimas oportunidades de cursos de formação na área de tradução interpretação, o que se configura, no contexto atual, uma necessidade urgente e emergente principalmente no campo educacional, bem como formações em áreas específicas, as quais são raras as ofertas e quando as mesmas surgem esses profissionais necessitam “tirar do bolso”, não recebendo auxílio algum da instituição. (Relato do colaborador X4).

Observamos na fala do colaborador X3 a ênfase na necessidade de uma formação mais prática e menos teórica, focada em situações de trabalho mais próximas à realidade de sua atuação profissional. Afirma também que a atuação dos TILS, infelizmente, está muito aquém dos ideais de inclusão social legalmente garantida em nosso país e, por isso uma formação teórica pouco ajuda em sua prática profissional. No entanto, nos perguntamos se teoria e prática estão de fato tão distantes e dissociadas na formação desses profissionais.

Observamos também, que grande parte dos colaboradores têm consciência da importância de sua atuação profissional junto aos alunos com surdes durante as aulas de Língua Estrangeira, pois há “necessidade [na disciplina de língua estrangeira] está no mesmo nível de necessidade de todas as outras disciplinas”. (Relato do colaborado X6). Já X18 considera que “dependendo do conhecimento do intérprete [referente à língua a ser estudada] pode ser I e V”, ou seja, de acordo com esse colaborador, o intérprete pode contribuir ou dificultar o processo de construção de conhecimento do aluno com surdez a depender de seu grau de conhecimento (fluência) na língua estrangeira a ser estudada.

A polivalência dos TILS é umas das questões bastante discutidas por nossos colaboradores o que faz emergir a necessidade de campos de atuação específicos para esses profissionais. Nessa perspectiva, o colaborador X4 dispõe que a importância do TILS no processo de ensino aprendizagem do aluno com surdez nas aulas de língua estrangeira se torna pequena se esse profissional não possui conhecimento nem preparação para tal atuação.

Assim, pudemos observar, a partir das sugestões dos nossos participantes, que a capacitação, ou seja, uma formação de caráter contínua se faz essencial para apropriação de conhecimento a respeito das áreas de atuação e construção de meios que viabilizem melhorias para a realização de sua atividade profissional junto ao público com surdez.

Pensa-se em uma formação não apenas de cunho continuado, mas também contextualizados que traga elementos de sua realidade profissional.

Eu considero que tudo deve transcorrer no âmbito das condições de trabalho do intérprete. Eu acredito que o planejamento seja priorizado e que o TILS deve ter o tempo hábil necessário para fazer realizar este planejamento das múltiplas disciplinas em que ele atua em sala de aula, sendo assim, o intérprete não deixa de estar em formação continuada, sendo fortalecido por capacitações que agreguem conhecimento. (Relato do colaborador X6)

Um conhecimento prévio a respeito daquilo que se irá traduzir/interpretar se faz essencial para uma qualitativa realização dessa função, a qual, agregada a um planejamento

conjunto (professor x TILS) e a atividades adequadas, constituem-se ações importantes no processo educacional inclusivo.

Quando, em nosso questionário, facultamos aos entrevistados um espaço para que eles pudessem livremente falar a respeito da temática tradução/intepretação nas aulas de língua estrangeira (especial nas aulas de espanhol) alguns pontos ficam em evidência nos discursos o que se configura como elementos importantes e necessários à reflexão, como é o caso da necessidade da oferta de formação continuada e da polivalência de áreas exigida no processo de tradução/interpretação em língua de sinais.

Desse modo, é importante se pensar ações integrativas entre professor x TILS x Alunos (com e sem surdez) para que, com base em uma ação pedagógica colaborativa e dialógica, se alcance um processo educacional qualitativo e inclusivo, onde todos possam ter acesso e construir conhecimento juntos

CONCLUSÕES

Considerando que o ensino do espanhol é um campo de conhecimento importante para formação escolar do indivíduo, pela viabilidade de aprendizagem de um novo idioma, de possibilitar conhecer a respeito de novas culturas, proporcionar um maior conhecimento e percepção de mundo, além de o nosso país estar cercado de países *hispanohablantes*; que, por sua vez, se configura como um dever do estado e direito de todos, independentemente de sua condição sensorial auditiva.

Nesse contexto, os alunos com surdez possuem seus direitos garantidos de construção de conhecimento, no campo da língua espanhola, cabendo aos profissionais da área buscarem e repensarem recursos/instrumentos pedagógicos que garantam o sucesso no processo de ensino e aprendizagem desses alunos nesse campo de conhecimento.

Sendo assim, os profissionais tradutores intérpretes de língua de sinais (TILS), assumem um papel de suma importância na construção desses caminhos pedagógicos a serem buscados e repensados, em intrínseca colaboração com os professores da área.

Pensando a atuação do TILS, no transitar por línguas de nacionalidades e modalidades diferentes, nos dispomos a refletir a respeito dos desafios por estes profissionais enfrentados em contexto de sala de aula regular, em especial, durante as aulas de língua espanhola, e as possibilidades na realização de seu exercício profissional.

Assim, desenvolvemos uma proposta qualitativa de estudo, que materializada na análise de questionário junto aos TILS do IFRN, buscando por meio de seu discurso elementos que

direcionasse nossa reflexão, considerando suas dificuldades laborais e pensando possibilidades em sua atuação.

Optamos pela Realização de um trabalho de cunho colaborativo, dando voz aos TILS, a fim de que nossas análises pudessem ter como ponto de partida a percepção de quem está no chão da escola, em sala de aula, atuando diretamente nesse contexto.

Durante a realização de nossa pesquisa, buscamos tomar por foco a língua espanhola, no entanto, abrangemos atuação em língua estrangeira em virtude de nossos colaboradores possuírem maior experiência com a Língua Inglesa que com a Língua Espanhola.

Por meio de nossos estudos conseguimos elencar como desafios na atuação dos TILS durante as aulas de Língua Espanhola/Estrangeira, a falta de planejamento junto aos professores; a falta de conhecimento prévio da língua a ser estudada; tanto por parte dos intérpretes quanto por parte dos alunos com surdez, os quais chegam ao ensino médio sem qualquer contato, muitas vezes, com a língua estrangeira, principalmente, de modalidade oral; falta de formação específica e capacitação continuada, para construção de conhecimento sobre a área que irá atuar, e acesso aos sinais que a compõe

Acreditamos na legitimidade do discurso de nossos colaboradores. Discurso esse, que não pode ser desconsiderado por ser esses profissionais agentes ativos nesse processo educacional inclusivo. Cabe-nos refletir e repensar ações e reformulações que atendam sistematicamente esses profissionais com foco no sanar, ou amenizar de tais dificuldades, cabendo às instâncias políticas no que tange a sistematização de dispositivos legais que garantam tais soluções, bem como, da instituição de ensino em viabilizar meios mais eficazes para o desenvolvimento do exercício profissional dos TILS, junto aos alunos com surdez.

Elencar as dificuldades enfrentadas no processo educacional se configura como uma ação importante no repensar da prática, no entanto, pensarmos possibilidades pode-se configurar como uma ação ainda mais relevante no processo educacional de garantia de acesso a todos.

Desse modo, questionamos aos nossos colaboradores quanto ao vislumbrar dessas possibilidades frente aos desafios por eles apresentados. Desse questionamento nos foram citados como possibilidades para uma melhor atuação na tradução e interpretação em língua de sinais: A oferta de cursos de formação e capacitação em língua estrangeira na qual irá atuar junto ao aluno com surdez; e o planejamento em conjunto, tradutor e professor, com base nos conteúdos a serem ministrados durante o período letivo.

É certo que a formação de cunho continuado se faz essencial para a melhoria no exercício profissional em qualquer área. No que se refere ao contexto inclusivo e campo novo

ainda em processo de estruturação, esse caráter de formação se configura como um caminho indispensável para o sucesso educacional de todos os envolvidos.

Planejar-se é programar-se previamente para uma determinada ação no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, planejar é a ação básica para um desenvolvimento exitoso. Sendo assim, pensarmos a sala de aula regular com alunos surdos e ouvintes, durante as aulas de língua estrangeira, (no nosso caso Língua Espanhola) tendo o professor da disciplina como norteador desse processo, e o TILS como ponte comunicacional, faz-nos acreditarmos em um planejamento conjunto, de maneira colaborativa entre esses profissionais (professor e intérprete), é o caminho basilar e acertado, com vistas a um exitoso processo pedagógico.

Assim, concluímos que é possível uma atuação de qualidade dos TILS em sala de aula regular, durante as aulas de língua estrangeira (Língua Espanhola), desde que seja construído um conhecimento prévio contanto que lhes seja proporcionado um processo formativo, de construção de conhecimento na língua, bem como, criado momentos de estudo e planejamento junto ao professor ministrante da disciplina.

Uma educação para todos, que atenda as especificidades dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem é uma garantia constitucional e um desafio educacional, de maneira que, identificarmos as fragilidades e pensarmos possibilidades se faz ação necessária e continua em todas as áreas de conhecimento, principalmente em contexto inclusivo, e, dentre essas áreas está a língua espanhola.

REFERÊNCIAS

GESSER, Audrei. **LIBRAS?** que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRESSLER, Lori. **Introdução a pesquisa:** projetos e relatórios. 2. ed. rev. Atual. São Paulo: Loyola, 2004. 295 p.

LACERDA, C. B. F.; **Intérprete de libras:** em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 5. ed. Porto alegre: Editora Mediação, 2013.

LISBOA, Maria. **A obrigatoriedade do ensino de espanhol no Brasil:** implicações e desdobramentos. [S.l.: n.,2009?]. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/viewFile/1227/911>> acesso em: 10 ago. 2016

PERLIN, Gladis.; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos.** [S.l.: n. 2008,]. Disponível em: <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEdu>

cacaoDeSurdos/assets/279/TEXTTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf> acessado em: 12 set. 2017.

SANTOS, C. J. G. **A inclusão da Língua Espanhola na educação Brasileira.** [S.l.: n. 2008,]. Disponível em: <http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/METODOL/_OF.TIPOS_PESQUISA.PDF> acesso em: 27 jun. 2017.

SOUZA, Y. H. S.de S. **Os desafios do Ensino de Língua Espanhola para alunos Surdos.** [S.l.: n. 2015]. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/PDF%20-%20Yngrid%20Herly%20Silva%20de%20Souza.pdf>> acessado em 06 nov. 2107.

SOUZA, T. Q. **A inclusão da Língua Espanhola na educação Brasileira.** [S.l.: n. 2010]. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaEspanhola/artigos/tassi_art.pdf> acessado em 13 mar. 2017.